

# O corte epistemológico de Freud: o continente-inconsciente

Lucas Oliveira Menditi do Amaral<sup>1</sup>

132

## Resumo

O presente estudo pretende esboçar a revolução teórica que a descoberta de Freud implicou às "humanidades". A descoberta freudiana do inconsciente representa uma ruptura com o conhecimento passado. Assim, utilizando o referencial teórico althusseriano, empreende-se uma tentativa de demarcar um corte epistemológico derivado da descoberta do próprio objeto da psicanálise, o inconsciente. O artigo demonstra que o inconsciente, como objeto de uma recém-criada ciência, é uma ruptura total com o produzido no passado. Freud, assim como Marx, descobriu um novo continente do saber humano: o último, o "Continente-História"; e o primeiro o "Continente-Inconsciente". Dessa forma, a psicanálise deve ser entendida não como uma continuação do mito do *homo psicologicus* ou uma derivação das "teorias" biologizantes do pensar humano, mas como uma ruptura com esse antigo "saber".

**Palavras-chave:** Althusser; corte epistemológico; Freud; inconsciente.

---

<sup>1</sup> Graduando em Direito pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP), com dupla titulação pela Université Lumière Lyon II. Desenvolve, com bolsa pela FAPESP, a pesquisa de iniciação científica "Uma Leitura Foucaultiana de Crime e Castigo: A Penetração do Poder no Código Moral Da Personagem Raskolnikov". | [lucasoliveiraamaral00@usp.br](mailto:lucasoliveiraamaral00@usp.br)



## Resumo

El presente estudio tiene como objetivo esbozar la revolución teórica que el descubrimiento de Freud implicó para las “humanidades”. El descubrimiento freudiano del inconsciente representa una ruptura con el conocimiento pasado. Así, utilizando el marco teórico althusseriano, se intenta demarcar un corte epistemológico derivado del descubrimiento del propio objeto del psicoanálisis, el inconsciente. El artículo demuestra que el inconsciente, como objeto de una ciencia recién creada, es una ruptura total con lo producido en el pasado. Freud, al igual que Marx, descubrió un nuevo continente del saber humano: este último, el “Continente-Historia”; y el primero, el “Continente-Inconsciente”. De esta manera, el psicoanálisis debe entenderse no como una continuación del mito del *homo psychologicus* o una derivación de las “teorías” biologicistas del pensamiento humano, sino como una ruptura con ese antiguo “saber”.

**Palabras clave:** Althusser; corte epistemológico; Freud; inconsciente.

## Abstract

The present study intends to outline the theoretical revolution that Freud's discovery implied for the “humanities”. Freud's discovery of the unconscious represents a break with past knowledge. Thus, using the Althusserian theoretical framework, an attempt is made to mark an epistemological cut derived from the discovery of the very object of psychoanalysis, the unconscious. The article demonstrates that the unconscious, as the object of a newly created science, is a total break with what was produced in the past. Freud, like Marx, discovered a new continent of human knowledge: the latter, the “History-Continent”; and the former, the “Unconscious-Continent”. Thus, psychoanalysis should be understood not as a continuation of the myth of *homo psychologicus* or a derivation of the biologizing “theories” of human thinking, but as a break with this old “knowledge”.

**Keywords:** Althusser; epistemological break; Freud; unconscious.

Consideremos apenas a solidão de Freud no seu tempo. Não falo da solidão humana (ele teve mestres e amigos, embora tenha conhecido a pobreza), falo da sua solidão teórica [...]. Teve de sofrer e, ao mesmo tempo, arrumar a seguinte situação teórica: ser, ele mesmo, o seu próprio pai; construir, com suas mãos de artesão, o espaço teórico em que pudesse situar sua descoberta; tecer, com fios emprestados aqui e ali, por adivinhação, uma grande rede com a qual capturaria, nas profundezas da experiência cega, o peixe abundante do inconsciente, que os homens dizem mudo, porque ele fala mesmo quando dormem (Althusser, 1985, p. 52).



## 1. O que é um corte epistemológico?

Pretende-se, nesse estudo, esboçar a revolução teórica que a descoberta de Freud implicou às “humanidades”. Deve-se entendê-la não como uma continuação do mito do *homo psychologicus* ou uma derivação das “teorias” biologizantes do pensar humano; ao contrário, a descoberta freudiana do inconsciente representa uma ruptura com o conhecimento passado. Retomar Freud significa constatar o corte epistemológico que o objeto próprio da psicanálise, por si só, suscita. Explico: o inconsciente, como objeto de uma recém-criada ciência, é uma ruptura total com o produzido no passado. Freud, assim como Marx, descobriu um novo continente do saber humano: o último, o “Continente-História” (Althusser, 2017, p. 39); e o primeiro o “Continente-Inconsciente”.

Freud minou a representação idealista burguesa do ser humano enquanto sujeito plenamente consciente, racional e moral. Freud falava de um inconsciente determinante do pensamento humano, isto é, retirou o peso que o idealismo burguês dava à consciência, revelando o primado do inconsciente. Uma incômoda verdade nos foi revelada: não somos senhores nem do próprio pensamento, há, nas palavras precisas de Althusser (2019), “um exterior dentro do pensamento propriamente dito” (p. 191). Não há um sujeito ideal conscientemente pensante, não há, portanto, um sujeito racional a nível sensível, jurídico, moral, político, religioso etc.; há, em verdade, um aparelho psíquico que pensa por si, sem um sujeito determinante, sem um “eu” presente. O “eu”, em Freud, não se limita ao consciente, é verdade que é responsável pela percepção e pela ação, mas até esse “eu” é, em grande parte, inconsciente (Freud, 2011, p. 22).

O inconsciente freudiano propriamente dito não é o interesse central desse trabalho, por hora, nos interessa entender as implicações teóricas e políticas dessa descoberta. Entender mesmo o que foi esse corte epistemológico traçado por Freud; no entanto, antes de delimitar os aspectos que marcam a ruptura, é preciso por luz sobre o próprio corte. O que é, afinal, um corte epistemológico? O que representa essa ruptura para a ascensão de uma nova ciência? Althusser (2015) responde a essas questões por meio de seu exercício teórico empreendido em *Por Marx*, trabalho em que o filósofo traça um corte epistemológico na obra marxiana, reafirmando o caráter científico da descoberta de Marx e do próprio marxismo.

Corte epistemológico pode ser entendido como uma ruptura que “designa o ‘fato’ ‘histórico-teórico’ do nascimento de uma ciência



'descoberta'" (Thévenain, 2010, p.10). Trata-se, portanto, do momento de início de uma ciência em que se distingue as ideologias e as ciências que permeavam sua pré-história (Thévenain, 2010, p.11). Althusser (2015) esquematiza a questão narrando a transformação de uma generalidade ideológica em uma generalidade científica ou a substituição de uma antiga generalidade científica por outra. Para entender melhor esse conceito é preciso refazer, brevemente, o caminho traçado por Althusser (2015) em *Por Marx*, para depois aplicá-lo a Freud. Retornemos, então, a esse retorno althusseriano.

Toda ciência tem um começo, um ponto de partida que a distingue do momento anterior; toda ciência tem, por definição, um corte epistemológico. Mas o que é ciência? Althusser esclarece que a ciência é uma prática específica, chamando-a de prática científica. Mas, antes disso, o que é *prática*? Prática é "todo processo de transformação de uma matéria-prima determinada em um produto determinado, transformação efetuada por um trabalho humano determinado, utilizando meios (de 'produção') determinados" (Althusser, 2015, p. 136). Cabe lembrar que todas as práticas são determinadas, em última instância, pela prática de produção: primeiro, pela obviedade de que todas as atividades humanas (na política, na ideologia, na ciência, na religião etc.) têm como pressuposto viver fisicamente, isto é, produzir materialmente a subsistência e seus instrumentos de produção (Althusser, 2019, pp. 114-115); e, segundo, por uma abstração com três termos, o que significa dizer que a prática de produção dos seres humanos para a subsistência é regida pela *relação social de produção* (base), sobredeterminando as demais relações (superestrutura) (Althusser, 2019, pp. 114-115).

Desse modo, um momento específico de toda ciência constituída é a prática teórica. A prática teórica é, como toda prática, um processo em que a força de trabalho (conhecimentos do pesquisador) faz uso dos meios de produção ("teoria"<sup>2</sup>) para trabalhar uma matéria-prima (objeto, que pode ser material ou representações científicas, não científicas e ideológicas), que lhe é fornecida por outras práticas, tanto científicas, quanto técnicas, ideológicas etc. (Althusser, 2019, p. 135). Ocorre que, por mais concreto que seja o objeto (matéria-prima) de uma ciência, é impossível imaginar apenas o simples contato entre o cientista (sujeito cognoscente) e o objeto

---

<sup>2</sup> Althusser chama de "teoria" (entre aspas) o sistema teórico de dada ciência, ou seja, os conceitos teóricos fundamentais (Althusser, 2015, p. 136)



cognoscível sem uma variedade de abstrações capaz de apontar sua essência:

Sem dúvida, o concreto é dado nas percepções sensíveis, mas o que elas indicam é menos o que ele é (sua 'essência') do que o simples fato de sua existência. Sem dúvida, para nos darmos conta da existência de alguma coisa, é preciso também que algo de sua 'essência' nos seja dado. Mas, justamente, tudo isso acontece sob uma impressionante camada de abstrações, que parecem tão naturais em seus efeitos de deformação que nem sequer suspeitamos de sua existência (Althusser, 2019, p. 136).

Essas abstrações são generalidades que atribuem sentido "a todas as observações empíricas possíveis" (Althusser, 2019, p. 136), são, em uma palavra, generalidades abstratas resultantes de elaborações diversas e longínquas das variadas práticas sociais. Além dessas generalidades, *toda* ciência traz em si outras abstrações, como a prática técnica e os próprios conhecimentos que produziu (Althusser, 2019, p. 137). Ademais, todo instrumento de produção científica é a realização das abstrações "teóricas" (Althusser, 2019, p. 139), ou seja, a "teoria" figura nos instrumentos de produção teórica, como mostra a evolução, por exemplo, dos instrumentos de medida, que, na Antiguidade, eram simples e hoje se sustentam sobre teorias abstratas, que justificam desde o metal com que são fabricados até o momento em que são utilizados (no vácuo ou não, em uma temperatura X ou Y etc.) (Althusser, 2019, p. 139-140). Entretanto, é aqui que Althusser (2019) traz à tona um ponto crucial, em suas palavras:

O que vale para os instrumentos de produção, porém, vale *a fortiori* para a matéria-prima, pois à teoria interessa figurar nos instrumentos de produção teórica não em uma forma diferente, seja no caso desses instrumentos ou da matéria-prima, e *sim na forma pura da teoria da ciência existente*. Certamente, isso não quer dizer que a teoria figure por inteiro nos instrumentos de produção, mas, em geral, apenas parcialmente, e na forma de um certo número de conceitos científicos, que, no entanto, para seu sentido operatório, dependem da teoria inteira. São esses conceitos que, seja na forma de hipóteses a verificar, seja na de instrumentos de medida, de observação e de experimentação, interferem, ao



mesmo tempo, direta e indiretamente, no trabalho com a matéria-prima (p. 140).

Essa análise revela que toda ciência, na realidade, só trabalha sobre si mesma, já que sua “teoria” está imbricada de sua própria matéria-prima, de sua própria força de trabalho e dos seus próprios instrumentos de produção (Althusser, 2019, p. 140). Contudo, essa constatação poderia ser facilmente refutada trazendo à discussão as próprias descobertas científicas que não são repetições infinitas de si mesmas. Não fosse o olhar dialético de Althusser herdado de Marx, a discussão terminaria aqui, porém, as inovações científicas são fruto da universalidade da contradição, explica o filósofo (2019):

Isso acontece porque trabalha com um objeto contraditório. No limite, a teoria que trabalha sobre si mesma não trabalha sobre uma teoria que tenha se libertado de toda contradição, ou seja, que tenha alcançado o conhecimento último do seu objeto. Ao contrário, é uma teoria inacabada que trabalha sobre seu próprio inacabamento, e desse ‘jogo’, dessa distância, dessa contradição extrai com o que avançar, com o que ultrapassar o nível de conhecimento alcançado, em suma, com o que se desenvolver (p. 140).

Explicaremos melhor a questão da contradição. Toda prática teórica científica faz uso, em primeiro lugar, de conceitos gerais que não é resultado de seu próprio desenvolvimento (Marx usou “produção” e “trabalho”, por exemplo, assim como Freud usou “consciência”, “libido” etc.); a essas abstrações, Althusser (2015, p. 149) deu o nome de *Generalidade I*, afirmando-se como matéria-prima que a prática teórica científica transformará em *Generalidade III*, isto é, em “conceitos”, em, propriamente, conhecimento.

Mas afinal, o que transforma Generalidade I em Generalidade III? O que é, na prática teórica científica, o meio de produção que trabalha a matéria-prima? É aquilo que Althusser (2015) chama de *Generalidade II*, “a qual é constituída pelo *corpus* dos conceitos cuja unidade mais ou menos contraditória constitui a ‘teoria’ da ciência no momento (histórico) considerado” (p. 150).

Portanto, pelo pensamento exposto em *Por Marx* (2015), quando uma ciência se constitui, ela trabalha sobre Generalidade I, que são conceitos já existentes *frutos de concepções ideológicas* de sua pré-história. Ocorre que



*nem toda prática teórica é prática teórica científica*, pois o que distingue uma ciência de sua pré-história é, justamente, a nítida diferença qualitativa entre a sua antiga *prática teórica ideológica* e a descontinuidade advinda da *prática teórica científica*, que pode ser chamada de *corte epistemológico*.

Todavia, em *Elementos de Autocrítica*, Althusser abandona a ideia de que antes havia ideologia e depois ciência, abandona, dessa forma, a dualidade erro/verdade, restabelecendo a coerência com sua própria teoria da ideologia. A ideologia está presente na própria prática científica e só uma ideologia proletária permitiu a Marx descobrir o “Continente-História”:

Essa tomada de ‘posição’ responde à tese de *Réponse a John Lewis*: “A filosofia é luta de classes na teoria”. Ela determina seu ponto de apoio, a ideologia, para Marx, a ideologia proletária a partir da qual Marx elabora ‘posições teóricas (filosóficas) de classe proletárias’ que lhe permitem fundar a ciência história (Thévenin, 2010, p. 22).

Ora, diante disso, o conceito de *corte epistemológico* parece ameaçado, uma vez que tanto Generalidade I, quanto Generalidade III estão imbricadas de práticas ideológicas. Então, o que teria feito Marx – ou Freud, no nosso caso – senão reproduzir práticas ideológicas com meras mudanças temáticas? Basta lembrar que entre Generalidade I e Generalidade III não há identidade de essência, mas transformação real, que rejeita uma generalidade antiga totalmente ideológica por uma científica (Althusser, 2015, p. 150) – ainda que imbricada por uma ideologia determinada. A questão é que o corte epistemológico de Marx provocou uma ruptura com a ideologia da pré-história da ciência, transformando-a na medida em que traz para dentro da contradição o próprio objeto descoberto: a luta de classes. Ou seja, traz para dentro do método, para dentro da “teoria”, para dentro da Generalidade II, *a existência concreta da luta de classes*. O corte epistemológico em Marx não consiste no rompimento com *a ideologia* para a ascensão de uma verdade científica acertada; trata-se, sim, de um rompimento com *a ideologia burguesa*, Althusser (1975) explica em seus termos:

Se anunciava outra ruptura muito diferente em vias de se consumir, uma ruptura não apenas teórica, mas também política e ideológica e de outra envergadura. Essa ruptura foi a ruptura de Marx, não com a ideologia em geral, não apenas com as concepções ideológicas da história vigentes, mas com a



ideologia burguesa, com a concepção burguesa dominante de mundo, no poder, e que reinava não apenas sobre as práticas sociais, mas também nas ideologias práticas e teóricas, na filosofia e mesmo nas obras de economia política e de socialismo utópico (p. 30).<sup>3</sup>

De qualquer forma, é possível manter o modelo de universalidade da contradição desenhado por Althusser, mas, sobretudo, o *corte epistemológico* que o surgimento de uma ciência causa no saber humano. A diferença é apenas que a *Generalidade III* abrigará práticas ideológicas, tendo em mente que o *cientista materialista ou o filósofo materialista é aquele que luta na teoria* "e para lutar na teoria é preciso tornar-se teórico pela prática científica e *pela prática da luta ideológica e política*" (Althusser, 2019, p. 254).

Marx se convenceu, assim, de que *a verdade* que descobria não tinha por adversário *acidental* o 'erro', ou a 'ignorância', *mas o sistema orgânico da ideologia burguesa, peça essencial da luta de classe burguesa*. Esse *erro* não tinha nenhum motivo para reconhecer algum dia *a verdade* (a exploração de classe) [...]. No próprio centro da *verdade*, Marx encontrava a luta de classes, uma luta inconciliável e impiedosa. Ao mesmo tempo, descobri que a ciência que estava fundando era uma *ciência de partido* (Lênin), ou seja, uma ciência que a burguesia jamais poderia reconhecer, mas que combateria por todos os meios, até a morte (Althusser, 1985, pp. 79-80).

Althusser percebe que Marx rompeu com a dialética hegeliana e feuerbachiana indo muito mais longe do que simplesmente introduzir elementos temáticos ausentes nesses autores ou inverter a dialética hegeliana, como convinha à Feurbach (Althusser, 2015, p. 71). Marx, em verdade, percebeu que a forma mistificadora estava incrustada na própria dialética hegeliana, portanto, o movimento de Marx jamais poderia ser

---

<sup>3</sup> Tradução livre do autor. Trecho original: "*se anunciaba otra ruptura bien distinta en trance de consumarse, una ruptura no sólo teórica sino también política e ideológica y de distinta envergadura. Esta ruptura era la ruptura de Marx, no con la ideología en general, no sólo con las concepciones ideológicas de la historia vigentes, sino con la ideología burguesa, con la concepción burguesa del mundo dominante, en el poder, y que reinaba no solamente sobre las prácticas sociales, sino también en las ideologías prácticas y teóricas, en la filosofía y hasta en las obras de la economía política y del socialismo utópico*".





simplesmente trocar o objeto e manter o método. Foi preciso ir além, Marx introduziu o objeto no próprio método, Marx – como cientista materialista – lutou na teoria e só pode fazer isso inspirado pela ideologia proletária (Althusser, 1975, p. 30). Para aqueles que não percebem essa ruptura, Hegel seria idealista apenas por aplicar sua dialética ao mundo da Ideia, enquanto Marx, ao mundo real (Althusser, 2015, p. 73). Contudo, como explica Althusser (2015), o problema maior de Hegel – que Marx percebeu e rompeu – está nas estruturas específicas de sua própria dialética, não é, assim, o objeto em si que qualifica o pensamento:

Ora, não é *dos próprios elementos* que se pode esperar uma resposta, pois o objeto de que se fala não qualifica o pensamento diretamente. Que eu saiba, todos os autores que falaram das classes sociais, até mesmo da luta de classes, antes de Marx, jamais foram tidos por marxistas pela simples razão de tratarem de objetos nos quais, um dia, iria se deter a reflexão de Marx. Não é a matéria da reflexão que caracteriza e qualifica a reflexão, mas nesses níveis a *modalidade da reflexão*, a relação efetiva que a reflexão mantém com seus objetos, ou seja, a *problemática fundamental* a partir da qual são refletidos os objetos desse pensamento (pp. 51-52).

Em uma palavra, o que Marx fez ao fundar a ciência História não foi um rompimento com a ideologia no geral, mas sim um rompimento com a ideologia burguesa (Generalidade I) que nada tem que ver com as descobertas científicas e, também, ideológicas proletárias que produziu (Generalidade III). O corte epistemológico vai no sentido de romper teoricamente – cientificamente – com a ideologia dominante, influenciando-se com uma determinada ideologia secundária: a ideologia proletária, no caso de Marx e, de certo modo, de Freud. O último, é verdade, não se ocupou de criticar na totalidade a ideologia burguesa que estava atacando, para Althusser (1985), “no seu ponto mais sensível” (p. 86), mas, querendo ou não, lutava dentro da teoria.

## 2. Freud em seu tempo

É preciso apontar que as descobertas freudianas foram construídas a partir de suas próprias práticas analíticas, ou seja, Freud foi “educado por seus pacientes histéricos, os quais literalmente lhe ensinaram e lhe fizeram ver que existia uma linguagem do inconsciente inscrita em seu corpo”



(Althusser, 1985, p. 88). Althusser (2019, p. 197) mesmo diz que, assim como Marx e Engels não conseguiriam elaborar sua teoria senão dentro da prática revolucionária proletária, Freud só consegue forjar sua teoria com base na prática específica que experimentava nos tratamentos dos indivíduos. Lembremos do caso Anna O., em que ela inventou a expressão *talking cure* e a impôs dentro da análise: algo que seria decisivo para a descoberta do inconsciente (Althusser, 1985, p. 88). Em suma, a descoberta do Continente-Inconsciente deve-se à essa prática específica.

Como se sabe, Freud teve que lidar com a solidão teórica em seu tempo, não contou com nenhum mestre que pudesse lhe ensinar sobre a ciência que um dia ele fundaria. Teve que tomar emprestado conceitos ideológicos e científicos de outras práticas para conseguir expor na linguagem algo nunca pensado. Antes de sua descoberta, ele mesmo reproduziu a concepção ideológica das histerias, definindo-as como distúrbios mentais de natureza anatomofisiológica (Roudinesco, 1989, p. 24), ou seja, mantinha-se preso ao “biologismo” que, mais tarde, iria quebrar.

Antes de Freud descobrir o inconsciente e, principalmente, antes da publicação d’*A interpretação dos sonhos* – obra fundante da psicanálise, que revelou o caráter secundário da consciência (Gillot, 2018, p. 26) –, haviam duas grandes correntes para entender as histerias (Roudinesco, 1989, p. 33): (i) a anatomopatologia, que atribuía as histerias a certas anatomias disformes do cérebro, sendo que os sintomas podiam ser diferentes por conta da localização dessas anatomias imperfeitas; e (ii) o fisiologismo conjugado à eletrofisiologia, que diagnosticava as histerias como problemas no funcionalismo do sistema nervoso, sejam falhas nas descargas elétricas ou outros problemas fisiológicos que não se relacionavam com a anatomia em si.

Freud, obviamente, não descobriu o Continente-Inconsciente a partir do nada, apoiou-se, pelo contrário, no conhecimento produzido por outros antes dele, trabalhou com a Generalidade I. Freud subiu nos ombros de dois médicos renomados de sua época, que ousaram dar um passo à frente das teorias de seu tempo, mas não conseguiram – como Freud – estabelecer uma ruptura com elas. Eles são Jean-Martin Charcot e Josef Breuer, médicos que não fundaram uma nova ciência, tão pouco promoveram um corte epistemológico no conhecimento humano, mas com seus pequenos avanços – ainda nos limites da antiga ideologia pautada na crença da consciência – permitiram que Freud tivesse acesso a determinada prática de onde retiraria as abstrações necessárias para construir sua “teoria”.



No entanto, mesmo apoiando-se, de certo modo, nesses dois homens, o que Freud produziu foi qualitativamente diferente de toda produção teórica até então existente. Basta lembrar que Charcot deu, verdadeiramente, um passo considerável, não por suas sessões “cinematográficas” de hipnose, mas sim por perceber que a chave para a compreensão da histeria era os sintomas do paciente, que se exprime, enquanto o médico descobre (Roudinesco, 1989, p. 33). Charcot abandonou a antiga noção de que a histeria seria uma doença com ligação uterina e a compreendeu como uma doença nervosa, por isso, passou a chamá-la de *neurose*. Para o francês, as histerias seriam doenças hereditárias e orgânicas que podiam afetar os dois sexos biológicos abandonando a vinculação com o genital e com, por consequência, o sexual (Roudinesco, 1989, p. 33).

Charcot queria provar, antes de tudo, que os histéricos não eram atores que dissimulavam os sintomas; preocupava-se, então, em demonstrar que a histeria obedecia a leis lógicas e racionais (Roudinesco, 1989, p. 34). Por isso, buscava nas suas hipnoses não a cura dos pacientes, mas a comprovação de que as histerias são fatos dos quais se pode elaborar uma teoria neurológica para explicá-las (Roudinesco, 1989, p. 49). Charcot permanecia crendo no método anatomopatológico, porém, dava um peso muito maior à clínica dos sintomas do que ao local específico em que a doença estaria inserida (Roudinesco, 1989, p. 47). Em breve síntese, Charcot não separava o neurológico do fato psíquico, algo que foi contestado em 1882 por Bernheim, que afirmava que as histerias eram frutos de aspectos puramente psicológicos e que a hipnose, muito mais do que um instrumento de demonstração científica, era um meio de cura pelo aumento da sugestibilidade nos pacientes. Explica Elisabeth Roudinesco (1989):

Sempre de acordo com Bernheim, os fenômenos observados sob a hipnose eram simplesmente um exagero de comportamentos comuns a todos os homens. O estado hipnótico se caracterizava por um aumento da sugestibilidade e, segundo esse ponto de vista, não havia diferença de natureza entre o normal e o patológico. Essa constatação, entretanto, não lhe permitiu isolar o fato neurótico de seu substrato fisiológico. A histeria e o conjunto das doenças ‘emocionais’, em Bernheim, permaneceram ligadas ao princípio da sugestibilidade. O médico assumiu a sugestão e, dessa maneira, não separou a neurose histérica da simulação. Preservou seu ‘poder’ sobre o doente, a partir de



uma posição contraditória em que permanecia na ignorância dos dados da própria doença (p. 50).

Em suma, mesmo Charcot fazendo uso da hipnose no estudo da histeria, ele não promoveu uma ruptura com as leituras biologizantes. Pelo contrário, apenas deu continuidade a elas, vestindo-as com outros conjuntos de aparências. A ruptura só viria tempo depois com a prática de cura empregada por Freud, mas, antes disso, cabe breves palavras sobre Josef Breuer.

Como o próprio Freud (2012, p. 248) relata, muitos acreditavam que ele deveria reconhecer o *método catártico* de Breuer como uma fase preliminar da psicanálise, porém, a catarse de Breuer teve, sim, alguns méritos, mas não constituiu o momento de ruptura para o nascimento da psicanálise. Breuer descobriu que os sintomas histéricos se baseiam em cenas vividas que causaram um grande impacto, mas foram esquecidas (traumas), e o tratamento seria de fazer recordar e, até mesmo, reproduzir esses episódios traumáticos no estado hipnótico (catarse) (Freud, 2012, p. 248).

Nós dirigíamos a atenção do enfermo para a cena traumática em que aparecera o sintoma, e nela procurávamos desvelar o conflito psíquico e liberar o afeto suprimido. Assim fazendo, descobrimos o fato característico dos processos psíquicos nas neuroses, que depois chamei de *regressão*. A associação do doente ligava a cena que pretendíamos esclarecer a vivências bem anteriores, e obrigava a análise, que devia corrigir o presente, a ocupar-se do passado (Freud, 2012, pp. 249-250).

Ora, foi exercendo essa prática de tratamento que Freud percebeu que nenhum sofrimento psíquico atual pode ser explicado senão referindo-se a um passado traumático, que, por sua vez, também faz referência a um passado anterior não patogênico, mas que dá à vivência posterior o caráter patológico. A primeira diferença entre Freud e Breuer apareceu quanto ao uso da associação livre contrapondo-se ao método catártico. Durante uma de suas sessões, a paciente Emmy von N. permitiu que Freud abandonasse o uso da hipnose no tratamento. A mulher indicou o lugar que o futuro psicanalista deveria tomar para si durante a prática analítica, gritou ela em 1889: "Não se mexa. Não diga nada! Não toque em mim!", a escuta das associações livres tornar-se-ia o meio de tratamento empregado por Freud (Roudinesco, 1989, p. 51).



Após a fala da paciente, Freud (2019) percebeu que “a hipnose encobre a resistência, deixando livre e acessível um determinado setor psíquico, em cujas fronteiras, porém, acumula as resistências, criando para o resto uma barreira intransponível” (p. 27). Em outras palavras, a hipnose podia, de fato, aliviar os sintomas dos pacientes, mas eles permaneciam latentes de forma inconsciente, esperando apenas um novo “gatilho” para voltarem a se manifestar. Freud notou que isso acontecia porque as representações traumáticas não eram lembradas no estado de vigília, ou seja, os pacientes só tinham acesso às experiências traumáticas durante a catarse.

Josef Breuer não se opôs completamente à noção de associação livre, *mas mantinha uma visão* – mesmo com todos os seus avanços – *ainda presa à fisiologia*, pois queria “explicar a cisão psíquica dos histéricos mediante a ausência de comunicação entre diversos estados mentais [...], e assim criou a teoria dos ‘estados hipnoides’, cujos produtos penetrariam na ‘consciência desperta’ como corpos estranhos não assimilados” (Freud, 2012, p. 251). Freud (2012, p. 251), por outro lado, via a questão como algo distante da biologia, já que as cisões psíquicas, para ele, eram resultados de um processo de repulsa, que primeiro chamou de “defesa” e posteriormente de “repressão”.

O rompimento total com Breuer só veio quando Freud passou a defender abertamente a etiologia sexual das neuroses. O próprio Breuer havia dito que em Anna O. o aspecto sexual era pouco desenvolvido e nunca trouxe contribuições para o seu tratamento, todavia, Freud já tinha em mente o simbolismo presente nas cobras, na rigidez da paralisação dos braços, na vontade de estar constantemente na cabeceira do pai doente e tantos outros sintomas e sonhos que Anna O. vivenciava (Freud, 2012, p. 253). Ademais, a própria *transferência* psicanalítica – essencial para a cura – estabelecida entre o analista e o paciente foi desenhada por Freud a partir do caso da paciente Breuer; e o que é a transferência senão *um vínculo sugestivo mais intenso*, em que o paciente consegue se identificar com o analista, projetando nele o substituto de um personagem parental (mãe ou pai), rodeando-o de toda a sexualização que esses personagens possuem no inconsciente (Althusser, 2019, p. 198).

Inclusive, o fato de que a transferência é instaurada em todo tratamento de neurose com um aspecto fortemente sexual, expresso por afetividade ou hostilidade, sem qualquer provocação por uma das partes,



pareceu a Freud (2012, p. 253) como a prova de que as neuroses têm origem na vida sexual.

Negar o aspecto sexual das neuroses é negar o próprio inconsciente, Freud não poderia ter outra conclusão sobre seus pacientes que não essa. Ora, se as neuroses têm uma etiologia sexual fundada em um trauma, esses traumas que remontam a um passado distante têm que ver com a sexualidade, mais especificamente com a sexualidade infantil. Entretanto, Freud (2012, p. 260) percebeu que os histéricos fantasiavam seus traumas, ou seja, encobriam o erotismo dos primeiros anos da infância por meios de fantasias inventadas, não conscientemente, mas pela repressão.

Os ataques dirigidos a Freud por sexualizar a infância foram massivos e vindos de todos os lados, inclusive de amigos próximos. Ele, sozinho teoricamente, decidiu produzir sua própria jangada para navegar na tempestade que ele mesmo começara a provocar: escreveu *A interpretação dos sonhos*, que lhe serviu de consolo e suporte na sua solidão (Freud, 2012, p. 263). Por meio da prática de interpretar sonhos e de sua sistematização em sua obra, Freud percebeu que os sonhos eram análogos aos sintomas dos histéricos, isto é, algo maior e determinante estava presente em todos, nos sadios e nos doentes: o inconsciente.

Nesse momento, já estava claro que a prática clínica de Freud o levou a um conhecimento que rompia com todas as práticas científicas e ideológicas até então existentes. A teoria freudiana do inconsciente não guarda qualquer relação com a psicologia, com a biologia, com a moral, com a religião etc. Ela tem objeto próprio e irredutível, o que não permitiu a confusão de seus conceitos com a Psicologia e a Biomedicina no tempo de Freud, e *não deve* tolerar, atualmente, a redução de seu objeto ao psicologismo, *deve*, ao contrário afirmar a especificidade de seu objeto. Em outras palavras, a biologia, a psicologia, a sociologia, a filosofia, a antropologia etc. não podem dar os termos da psicanálise, reduzindo-a e distorcendo-a. A psicanálise, sim, deve ditar seus próprios termos a partir de uma reafirmação constante de seu objeto único e irredutível, a partir da afirmação do inconsciente como estrutura psíquica que sobredetermina a consciência e a pré-consciência, que sobredetermina o próprio *Eu*.

Até aqui, deve ter ficado claro que *a descoberta de Freud rompeu com as teorias biologizantes das histerias e do próprio pensar*, na medida em que percebeu que o aparelho psíquico funciona por si mesmo, independentemente da consciência, mas sim com base no inconsciente e seus processos. *A descoberta freudiana, entretanto, não rejeita apenas a*



*biologia das histerias, mas também a psicologia.* Para entender isso, deve-se extremar a descoberta freudiana, deve-se fazer um movimento semelhante ao de Lacan<sup>4</sup> e voltar a Freud, para afirmar o inconsciente como objeto específico e irredutível da psicanálise.

A crítica da psicologia de Lacan – que nada mais é do que um retorno a Freud (Althusser, 1985, p. 55) – consistia em percebê-la como uma “ciência” do eu ou como uma “ciência” do comportamento, que é *baseada em uma leitura errônea da segunda tópica de Freud*. Esses tipos de leitura, que conduziram a formação da *ego psychology* (psicologia do eu), só foram possíveis pela distorção da própria segunda tópica; já que na primeira tópica freudiana o primado do inconsciente sobre a consciência e a pré-consciência era abertamente declarado por Freud (2020, p. 638), rejeitando a psicologia:

Segundo as palavras enérgicas de Lipps (1897), a questão do inconsciente na psicologia é menos *uma* questão psicológica do que *a* questão da psicologia. Enquanto a psicologia despachou essa questão com a definição de que o ‘psíquico’ é precisamente o ‘consciente’ e que ‘processos psíquicos inconscientes’ são um contrassenso evidente, o aproveitamento psicológico das observações que um médico podia obter a propósito de estados psíquicos anormais foi impossível. O médico e o filósofo apenas entram em acordo quando ambos reconhecem que processos psíquico inconscientes são ‘a expressão adequada e bem justificada para um fato estabelecido’.

A segunda tópica permitiu que os adeptos da psicologia do eu formassem conceitos que reatribuíam a primazia à consciência, ao *eu*, manipulando as instâncias do aparelho psíquico (Gillot, 2018, p. 27) desenhadas por Freud nessa nova teoria: o *isso*, o *eu* e o *supereu*. Os teóricos da psicologia do *eu* acreditavam que a reformulação de Freud permitiria um recentramento do *eu*, isto é, que colocaria o *eu* e a consciência de volta ao centro do processo de cura e de todas as outras questões (Gillot, 2018, p. 27).

---

<sup>4</sup> Sobre isso, Althusser nos ensina: “Retorno a Freud quer dizer: retorno à teoria bem estabelecida, bem fixada, bem assente no próprio Freud, à teoria madura, refletida, consolidada, verificada, à teoria suficientemente avançada e instalada na vida (inclusive na vida prática) para haver construído aí sua morada, produzido o seu método, e engendrado a sua prática.” (Althusser, 1985, p. 56).



Freud, na segunda tópica, percebeu que o *inconsciente* se estendia até o campo do *eu*, assim, os filósofos idealistas do inconsciente encontraram um prato cheio para manipular e reduzir o objeto da psicanálise. Em outros termos, ao invés de manter a especificidade do objeto, alguns teóricos preferiram reler o objeto pela ótica do *eu* e não o contrário: releram o inconsciente como uma espécie de segunda consciência presente no próprio *eu*. Assim, o inconsciente passou a ser entendido de diversas maneiras que não a autêntica proposta por Freud, passou a ser tolhido do potencial que possibilitou uma ruptura epistemológica. Por exemplo: Sartre o entendia como má fé, Merleau-Ponty o entendia como uma sobrevivência cancerosa de uma estrutura *non-sens*, Jung o compreendia como *isso* biológico-arquetípico etc (Althusser, 1985, pp. 63-64).

Todavia, a percepção dessa inversão do inconsciente – em que ele não dá os termos da questão, mas sim os aspectos da consciência que dão os termos de análise do inconsciente – só foi possível graças às contribuições lacanianas à psicanálise (Althusser, 1985, p. 63). Lacan, em um retorno preciso a Freud, percebeu que tudo estava ligado à linguagem, que o inconsciente consistia em um discurso estruturado como linguagem:

Daí resulta que o lapso, o ato falho, a piada e o sintoma se tornavam, como os elementos do próprio sonho: *Significantes*, inscritos na cadeia de um discurso inconsciente, dublando em silêncio, ou seja, em voz ensurdecadora, no desconhecimento do ‘recalcamento’, a cadeia do discurso verbal do sujeito humano (Althusser, 1985, p. 63).

Portanto, o sujeito para a psicanálise não pode ser um sujeito-eu, mas um *sujeito do inconsciente* (Gillot, 2018, p. 28). Lacan esclareceu que os dois momentos de Édipo (o imaginário e o simbólico) são marcados pela Ordem Simbólica, que espreita desde sempre o indivíduo biológico que se tornará sujeito humano, todas as vivências do “filho de homem” são marcadas pela Lei da Ordem: “este discurso, condição absoluta de qualquer discurso, este discurso presente de cima, ou seja, [...] em qualquer discurso verbal, o discurso dessa Ordem, esse discurso do Outro, [...] que é essa Ordem mesma: o discurso do inconsciente” (Althusser, 1985, p. 67). Assim, o pressuposto para se tornar Sujeito humano é tornar-se Sujeito inconsciente, submisso à Lei da Ordem. Isso permite determinar o sentido preciso da segunda tópica: o alongamento do inconsciente ao *eu*, não deve ser lido pelos termos do





segundo, mas sim pelos termos do primeiro. Leia-se: não há um inconsciente como *eu*, e sim um *eu* inconsciente (Althusser, 1985, p. 67).

Ademais, para completar a rejeição à psicologia, é interessante trazer o aporte teórico de Georges Canguilhem (1966) em seu artigo *Qu'est-ce que la psychologie?* [O que é a psicologia?]. Canguilhem (1966, p. 77) afirma que a psicologia é falha na sua própria pretensão enquanto ciência, pois fracassa na especificação de um objeto próprio, de um método próprio, além de ter uma eficácia duvidosa. Tudo isso, para ele, seria fruto de uma instrumentalização da sua prática para um "ensino" determinado, que espera adaptar os seres humanos como ferramentas de produção, capazes de suportar o sofrimento psíquico sem questioná-lo (Canguilhem, 1966, p. 87). Em suas palavras:

Ao dizer que a eficácia da psicologia é discutível, não queremos dizer que seja ilusória; queremos apenas assinalar que esta eficácia é, sem dúvida, infundada, enquanto não se provar que se deve, de fato, à aplicação de uma ciência, isto é, enquanto o estatuto da psicologia não se fixar em tal uma maneira que deve ser considerada como mais e melhor do que um empirismo composto, literalmente codificado para fins de ensino. De fato, de muitos trabalhos psicológicos, tem-se a impressão de que misturam uma filosofia sem rigor, uma ética sem exigências e uma medicina sem controle. Filosofia sem rigor, porque eclético a pretexto de objetividade; ética sem exigências, porque associando as próprias experiências éticas sem crítica, seja a do confessor, do educador, do líder, do juiz etc.; medicina sem controle, pois das três doenças mais ininteligíveis e menos curáveis, doenças da pele, doenças dos nervos e doenças mentais, o estudo e o tratamento das duas últimas sempre forneceram à psicologia observações e hipóteses (Canguilhem, 1966, p. 77).

Está claro que a descoberta de Freud não pode ser absorvida pelas outras práticas científicas ou ideológicas. Freud promoveu, em verdade, um corte epistemológico pela própria especificidade e irreducibilidade do objeto descoberto. O Continente-Inconsciente rompeu paradigmas não só, como mostramos até aqui, por diferenciar-se qualitativamente de todas as demais práticas de seu tempo, mas também, porque sua descoberta promoveu uma revolução teórica, política e ideológica. Tratemos, portanto, dessa revolução.



### 3. Freud: por que tanto ódio?<sup>5</sup>

“Compreendi que a partir de então eu estava entre aqueles que ‘incomodaram o sono do mundo’, na expressão de Hebbel, e que não poderia contar com objetividade nem tolerância” (Freud, 2012, p. 265), dissera Freud quando percebeu que todas as forças de sua época condenavam sua descoberta. Elisabeth Roudinesco (2011, p. 4) afirma que o ódio à Freud – leia-se: a sua descoberta – é tão antigo quanto os primórdios da psicanálise, ou seja, a partir do momento em que Freud desvela a intimidade, o sexo, a família etc. passa a ser alvo de uma “punição” por esse crime de tentar tirar a humanidade de seu sono.

Os ataques são os mais variados e vindos dos grupos mais distintos: para os nazistas, a psicanálise era uma “ciência judaica”; para os stalinistas, uma “ciência burguesa”; para os religiosos, uma “ciência satânica”; para a extrema-direita francesa, uma “ciência degenerada”; para os cientistas, uma “falsa ciência”; para os revisionistas estadunidenses, uma “ciência fascista” (Roudinesco, 2011, p. 4). O ódio, em todos esses casos, só pode vir de uma tentativa desesperada de negação da realidade, ou melhor, de reestabelecer o mundo como era antes de sua descoberta.

Mas o que motivava esse ódio dirigido a Freud? Por que tanto ódio?

No caso de Freud, poder-se-ia dizer que sua descoberta foi intolerável à humanidade, pois tocou no íntimo, na sexualidade. Ele sexualizou as crianças, revelou que todos têm desejos tachados socialmente de perversos, mostrou a forte ligação sexual nos laços familiares, dentre outras coisas que chocam os conservadores e reacionários, pois abalam suas crenças e o controle sobre seu próprio mundo.

Em outros termos, é normal uma criança masturbar-se, o caso só é patológico quando ela não faz outra coisa na vida! Segundo Freud, a sexualidade perverso-polimorfa encontra-se potencialmente no âmago de cada um de nós. Não há, de um lado, perversos degenerados e, de outro, indivíduos normais. Há graus de norma e patologia. O ser humano, no que tem de mais monstruoso, faz parte da humanidade. E a criança mora no nosso coração. Faz-se necessário então libertar a criança e redefinir os critérios da perversão. Para libertar a mulher

---

<sup>5</sup> Título emprestado da obra da Elisabeth Roudinesco chamada *Freud – mas por que tanto ódio?*



histórica de seus conflitos e de seu sofrimento, existe a fala (Roudinesco, 2011, p. 26).

Essa ojeriza à sexualidade humana demonstrada por Freud explica até determinado ponto o ódio dirigido a sua descoberta. É óbvio que as pessoas conservadoras e reacionárias ao se depararem com uma teoria em que o aspecto sexual está presente desde a tenra infância nutriram um sentimento de indignação e de negação, que é expresso em ódio infundado. Essa explicação nos satisfaz parcialmente, há algo para além disso na descoberta freudiana que perturba a ordem “natural” das coisas, que rompe com o ritmo “normal” das relações sociais, que provoca um impacto não só nos costumes, mas também na própria estrutura da sociedade.

Assim como Freud, Marx, enquanto descobridor do Continente-História, também sofreu e sofre até hoje – basta nos atermos ao horror que a palavra “marxismo” causa nos cientistas burgueses idealistas – ataques constantes. Sua descoberta, sempre que possível, é questionada, revisada, contestada e descredibilizada. Marx tinha consciência de que a ideologia burguesa aparelha a prática científica como instrumento da luta de classes, sendo que sua “verdade” jamais seria reconhecida por essa ciência aparelhada; percebeu – como já dissemos – que a luta de classes acontecia, também, na teoria e que sua descoberta sempre seria marcada por um traço conflituoso, já que a ciência idealista burguesa jamais deixaria de lutar contra ele e sua descoberta (Althusser, 1985, p 80).

Marx, construindo sua teoria, abalou a base da ideologia burguesa ao rejeitar o mito do *homo oeconomicus* (Gillot, 2018, p. 25). Demonstrou que não existia, em verdade, aquilo que a prática ideológica burguesa chamava de Economia Política, substituindo-a por uma realidade em que a *luta de classes* é determinante para os fatores que, outrora, eram chamados de econômicos. Demonstrou, em suma, que a história era um processo sem sujeito, rejeitou, portanto, o humanismo teórico (Althusser, 1978, p. 29).

Freud, por sua vez, rejeitou o *homo psychologicus* (Gillot, 2018, p. 25), tocando em um dos pontos mais sensíveis da ideologia burguesa. Ao descobrir o inconsciente, rompe com a ideia de que o ser humano é um sujeito espontâneo centrado e guiado pela vontade racional e lógica, pela consciência (Althusser, 1985, p. 83). Entretanto, ao questionar esse sujeito centrado pela consciência não está ameaçando apenas uma concepção secundária da ideologia burguesa, pelo contrário: está questionando a “*forma filosófica da ideologia burguesa*” (Althusser, 1985, p. 84) em si.



[P]ode ser mais importante recordar que essa ideologia do - *sujeito-consciente* constituiu a filosofia implícita na teoria da Economia Política Clássica, e que foi sua versão *econômica* o que Marx criticou, ao recusar a noção de *homo economicus*, segundo a qual o homem se define como sujeito-consciente de suas necessidades, e esse sujeito-de-necessidade, como elemento último e constitutivo de toda a sociedade (Althusser, 1985, p. 85).

A consciência coroada como guia do sujeito é imprescindível para as concepções ideológicas burguesas. Para o idealismo burguês, é a consciência que garante a unidade dos aspectos fragmentários do indivíduo (de seus atos morais, religiosos, políticos, econômicos etc.) (Althusser, 1985, p. 85). A representação do indivíduo como sujeito-consciente é necessária para que o indivíduo se submeta à exploração classista como sujeito de direito livre e igual, *que escolhe livre e conscientemente submeter-se à exploração*. "A consciência é obrigatória [...] para que a *conflitiva cisão da luta de classes seja vivida por seus agentes como uma forma superior e espiritual de unidade*" (Althusser, 1985, p. 85).

A questão vai se clareando: o ódio a Freud tem a mesma natureza do ódio a Marx, ou seja, é fruto de um incômodo com a descoberta daquilo que era para permanecer coberto. É, sobretudo, fruto de uma conflituosidade presente nas duas teorias, já que na medida em que estabelecem um *corte* com a ideologia burguesa, passam a existir como ciências conflitivas, ciências que trazem para dentro do seu objeto e método a luta contra a ideologia burguês, a própria luta de classes.

Diante disso, é patente que a prática científica idealista não poderia jamais reconhecer a psicanálise – e, também, o marxismo – como ciência. Essa prática, que em geral é neopositivista lógica (Althusser, 2019, p. 126), não poderia aceitar de modo algum um objeto como o inconsciente nos termos freudiano. Isso porque o neopositivismo lógico apoia-se exclusivamente nas evidências da própria prática científica, retomando o idealismo kantiano: "só existe como objeto científico um objeto cuja existência e cujas qualidades passem pelo controle da verificação experimenta, por mais complexa que ela seja" (Althusser, 2019, p. 127).

Portanto, todos os outros objetos que não podem ser submetidos à experimentação não existem para a "ciência", assim, existem apenas como discursos imaginários que não podem ser negados pela experimentação dada a própria incoerência de seu objeto (Althusser, 2019, p. 127). Desse



modo, a psicanálise jamais poderá ser considerada como ciência: resta a ela, então, a conflituosidade teórica, que sempre deve insistir em reafirmar seu objeto e, com isso, romper com o idealismo burguês da consciência. A psicanálise é, por essência, uma ciência de luta teórica (Althusser, 2019, p. 200): luta contra a ideologia burguesa, luta que rompe teoricamente com o sujeito-consciente, com o sujeito de direito, que traz algo de revolucionário e perigoso – por questionar suas bases – para a sociedade burguesa. A descoberta de Freud, portanto, não pode ser classificada de outra forma que não como um corte epistemológico.

## Referências

- Althusser, L. (2017). Advertências aos leitores do Livro I d'O *Capital*. In: MARX, K. *O Capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. (2ª ed.). São Paulo: Boitempo.
- Althusser, L. (1975). *Elementos de Autocrítica*. (1ª ed.). Barcelona: Editorial Laia.
- Althusser, L. (1985). *Freud e Lacan. Marx e Freud*. (2ª ed.). Rio de Janeiro: Edição Graal.
- Althusser, L. (1996) Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado: notas para uma investigação. In: ZIZEK, S. (org.). *Um mapa da ideologia*. (1ª ed.). Rio de Janeiro, Contraponto.
- Althusser, L. (2019). *Iniciação à filosofia para os não filósofos*. (1ª ed.). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- Althusser, L. (2015) *Por Marx*. (1ª ed.). Campinas: Editora da Unicamp.
- Althusser, L. (1978). Resposta a John Lewis. In:\_\_\_\_\_. *Posições 1*. Rio de Janeiro: Graal.
- Canguilhem, G. (1966) Qu'est-ce que la Psychologie. *Cahiers pour l'Analyse*. Vol. 2, Paris.
- Freud, S. (2020). *A interpretação dos sonhos*. v.2. Porto Alegre: L&PM.
- Freud, S. (2019). *Cinco lições de psicanálise*. São Paulo: Cinebook.
- Freud, S. (2012). Contribuição à história do movimento psicanalítico. In:\_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In:\_\_\_\_\_. *Obras completas, volume 16: o eu e o id, "autobiografia" e outros textos (1923-1925)*. São Paulo: Companhia das Letras.



- Gillot, P. (2018). *Althusser e a psicanálise*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Roudinesco, E. (2011). *Freud – Mas por que tanto ódio?*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Roudinesco, E. (1989). *História da Psicanálise na França: A batalha dos Cem Anos. Volume 1: 1885-1939*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Thévenin, N.-É. (2010). O itinerário de Althusser. In: Naves, M. B. (org.). *A presença de Althusser*. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH.

*Recebido em 27 jul. 2023 | aceite em 06 dez. 2023*

